

Análise sobre a participação de negras e negros no sistema científico

Isabel Tavares¹
Maria Lúcia de Santana Braga²
Betina Stefanello Lima³

Em 2013, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) incluiu o item cor/raça, segundo classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Plataforma Lattes frente à demanda crescente por estes dados. Dessa forma, todos os Currículos Lattes, ao serem atualizados, solicitam a informação sobre a raça/cor de estudantes, bolsistas e pesquisadores de todo país.

Apresentamos aqui a primeira análise sobre a participação de negras e negros (considerados aqui os pardos e pretos) no sistema de bolsas de formação e de pesquisa do CNPq. A partir da coleta de dados sobre cor/raça de pesquisadores e bolsistas, será possível realizar agora estudos que permitam mapear a participação dos grupos étnico-raciais na ciência e tecnologia brasileira e também acompanhar políticas de inclusão racial que, atualmente, já existem no país, bem como estruturar outros programas e políticas para nichos específicos, se assim for necessário.

Mais uma vez o CNPq, ao gerar e disponibilizar dados sobre critérios étnicos e raciais, será pioneiro em tratar das questões de equidade na ciência e tecnologia, como também tem se destacado no tratamento das questões de gênero, alinhando-se com políticas e abordagens já tomadas em outras agências de fomento internacionais como a National Science Foundation (NSF) dos Estados Unidos.

Além disso, ao iniciar a divulgação de dados sobre a participação negra e indígena na ciência e tecnologia, o CNPq estará em sintonia com as políticas do Governo Federal desenvolvidas nas últimas décadas, com o fim de ampliar a diversidade na educação superior.

Esta primeira abordagem tem por objetivo dimensionar o percentual de informação no Currículo Lattes, a partir da autodeclaração da cor/raça do/a bolsista, permitindo inferir a participação dos negros (pardos e pretos) e de outras raças e etnias, como amarelos, indígenas e brancos, no sistema de C&T apoiado pelo CNPq. É possível, também, mensurar a não informação, seja pela identificação de currículos desatualizados, seja pela identificação daqueles que não quiseram declarar sua raça/cor.

¹ Analista em Ciência e Tecnologia do CNPq, doutora em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e compõe a equipe do Programa Mulher e Ciência.

² Analista em Ciência e Tecnologia do CNPq, doutora em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e compõe a equipe do Programa Mulher e Ciência.

³ Analista em Ciência e Tecnologia do CNPq, doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e compõe a equipe do Programa Mulher e Ciência.

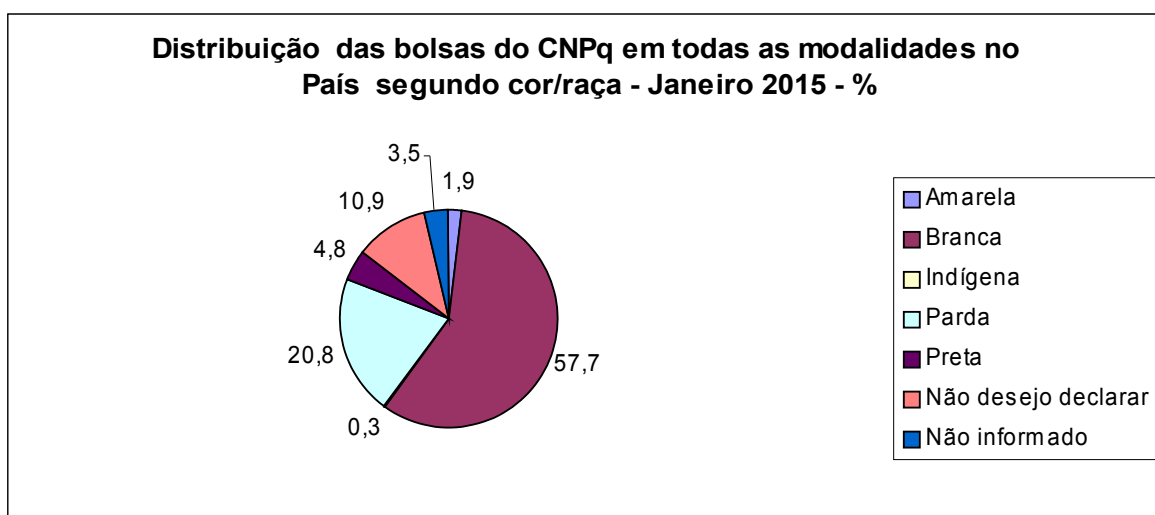
Os dados são relativos às folhas de pagamento de todos os bolsistas do CNPq, nos meses de março de 2014 e de janeiro de 2015.

Além de dimensionar o percentual de bolsistas negros(as) no total de bolsistas no CNPq, o outro objetivo é traçar o perfil desses bolsistas com base na análise das principais bolsas de formação – iniciação científica (IC), mestrado (GM) e doutorado (GD) – e de Produtividade em Pesquisa (PQ), considerando a divisão por gênero, as áreas de conhecimento em que estão mais presentes e a faixa etária de prevalência no sistema de pesquisa.

O estudo está dividido em três partes: 1) Dados gerais sobre a participação de negras e negros nas ciências brasileiras; 2) Os negros e negras nas bolsas de formação e de pesquisa; e 3) Os negros e negras nas áreas do conhecimento e faixa etária.

Parte I - Distribuição de bolsistas no país e no exterior segundo cor/raça

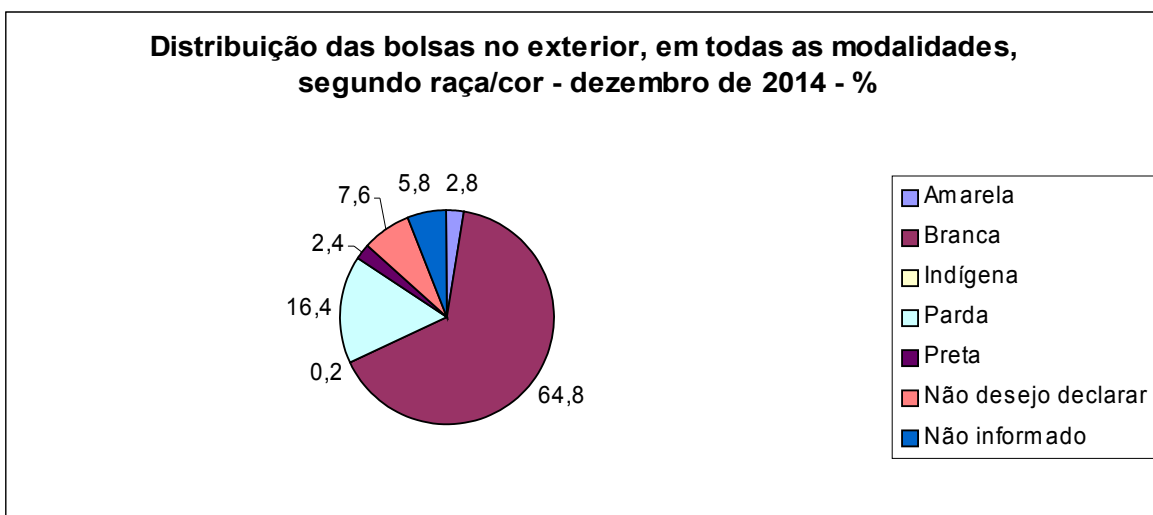
Gráfico I



Fonte: CNPq, AEL, microdados, elaboração própria.

As bolsas no País totalizaram 91.103, em janeiro de 2015. A participação de bolsistas brancos é muito significativa, cerca de 58%. Os/as bolsistas negros/as são aproximadamente um quarto do total de bolsistas (26%). O percentual de amarelos e de indígenas é bem pequeno, sendo que a porcentagem de indígenas não atinge 1%. Cabe destacar que aqueles que não desejam declarar sua cor/raça representam quase 11% do total (9.918).

Gráfico II



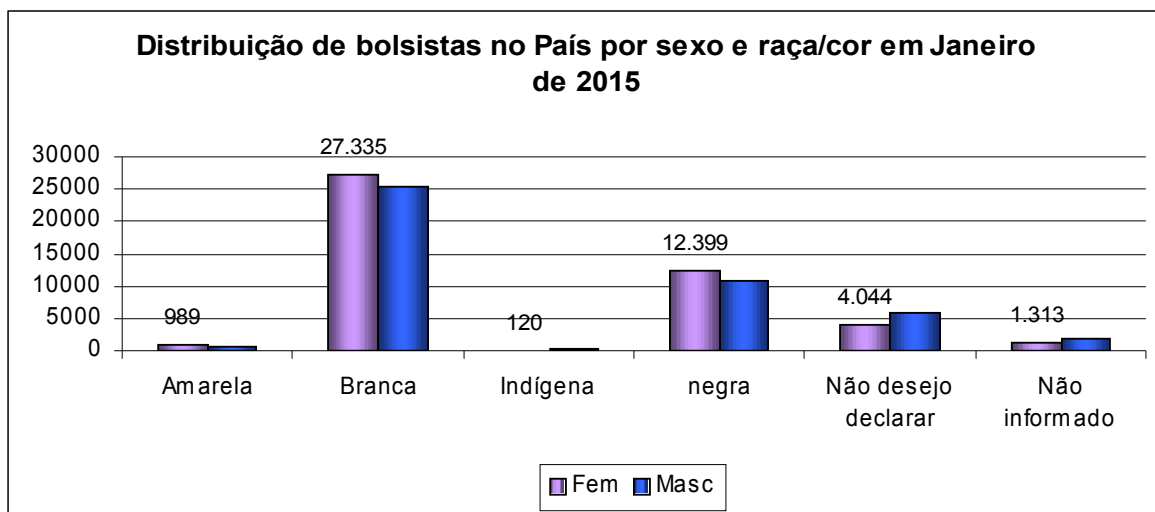
Fonte: CNPq, AEI, microdados, elaboração própria.

Os(as) bolsistas no exterior somaram 12.780 bolsistas, em dezembro de 2014. O percentual de indivíduos brancos é superior ao mesmo grupo de bolsistas no país e atinge 64,8% do total. O percentual de amarelos também é superior no exterior e quase chega a 3%. Entretanto, o percentual de negros e negras é inferior, representando 18,8%, sejam eles da cor parda ou preta: 16,4% e 2,4%, respectivamente.

Dos 91.303 bolsistas no País, 46.232 são mulheres e 45.069 homens. A maior participação feminina ocorre em todas as raças/cor, com exceção das indígenas. Os homens indígenas somam 195 indivíduos e as mulheres indígenas, 129, entre os bolsistas do CNPq no País.

É interessante destacar que o número de homens que não desejam declarar sua cor/raça é superior ao das mulheres, assim como o número dos que estão com o currículo desatualizado.

Gráfico III



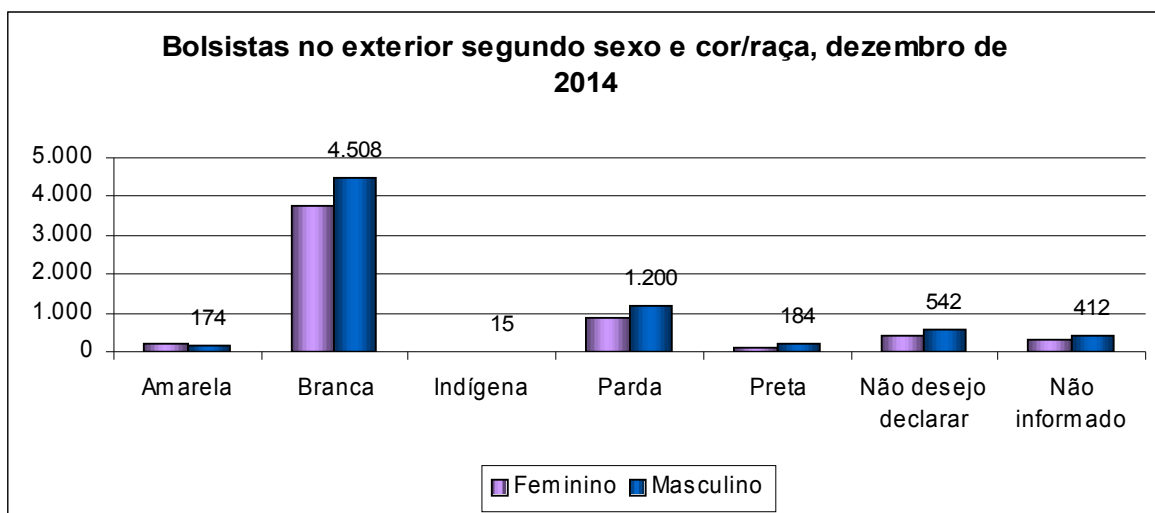
Fonte: CNPq, AEI, microdados, elaboração própria.

As mulheres brancas representam 59% do total de mulheres bolsistas e as negras (pardas e pretas) 26,8%. Entretanto, a participação das pretas é pequena: 4,8%. Entre os homens, os brancos representam 56,3% . Os negros, 24,3% e os pretos são 4,7%.

Entre os bolsistas no exterior, a maioria de bolsistas do sexo feminino que se observa nas bolsas do País não se repete. Nesta modalidade, os homens são em maior número, exceto entre amarelos. Os negros (pardos e pretos) representam 19,6% e as negras, 17,7%. Numericamente são 120 mulheres pretas e 184 homens pretos.

A modalidade Graduação no Exterior que atende ao Programa Ciências sem Fronteiras, é a que possui o maior de número bolsistas, totalizando 11.084. As mulheres pretas são 106 e os homens 153, o que representa 1% e 1,3% respectivamente, do total.

Gráfico IV



Fonte: CNPq, AEI, microdados, elaboração própria.

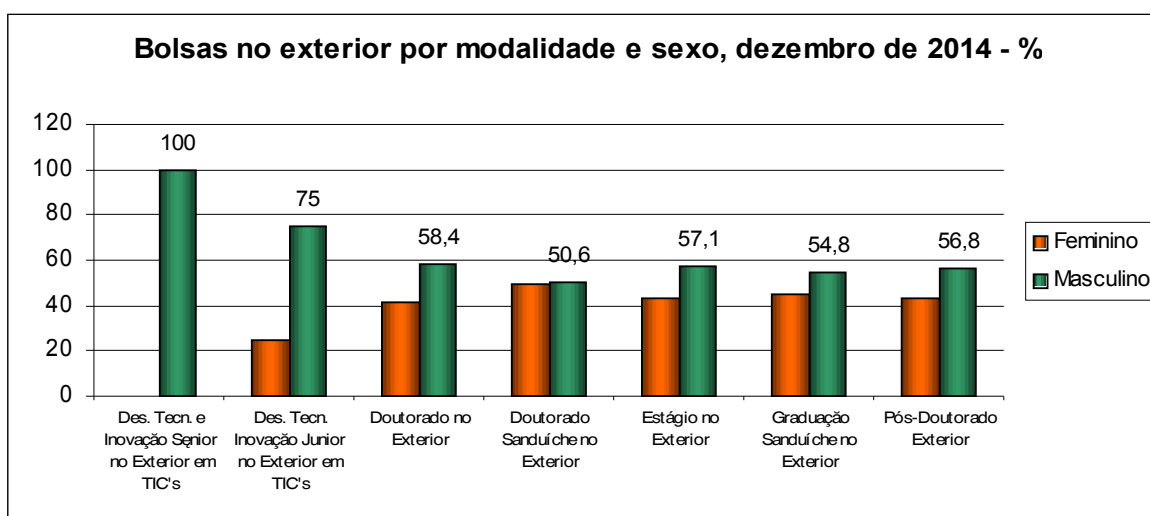
As bolsas no exterior, inclusive a graduação, têm um viés predominantemente tecnológico e a presença das mulheres nessas áreas tem sido, historicamente, inferior aos homens.

Pode-se também considerar algumas dificuldades, tanto de participação feminina quanto negra e indígena nas bolsas no exterior. A pouca representatividade da população negra nessas modalidades pode ser explicada, em parte, pela dificuldade de domínio de um segundo idioma. Estas bolsas demandam conhecimento de outro idioma e, infelizmente, uma parcela desta população não teve acesso ao ensino de qualidade de uma segunda língua.

A literatura sobre o tema relata, ainda, a maior dificuldade de mobilidade das mulheres casadas por razões culturais. Assim, muitas vezes, a escolha pelo doutorado sanduíche é feita em detrimento da bolsa de doutorado pleno.

A menor participação destes grupos nas bolsas no exterior pode ser também elencada como um fator de menor e mais lento crescimento na carreira, uma vez que, a depender da área de conhecimento, a experiência acadêmica e de pesquisa é um importante diferencial na trajetória como pesquisador/a.

Gráfico V



Fonte: CNPq, AEI, microdados, elaboração própria.

No próximo texto, também a ser publicado na página do CNPq, trataremos da presença das cientistas negras e negros nas bolsas de formação e pesquisa.